

1. CARTA DO REITOR-MOR

1.1 MARIA LEVANTOU-SE E PARTIU DEPRESSA (LC 1, 39)

A experiência espiritual, alma da ação pastoral

Pe. Fabio Attard, sdb

1. ESCUTA. Escutar Deus, Escutar o próximo. *Desafios da escuta:* Primado da Palavra sobre as palavras. Frequência assídua, sistemática e “sistêmica” **2. DISPONIBILIDADE E ABERTURA DO CORAÇÃO.** Primeiramente para o Outro, depois para o outro. Contemplar, não só analisar. Superar as fronteiras. Como resposta desde o profundo. *Desafios à disponibilidade e abertura:* Uma visão reduzida da realidade. Autorreferencialidade e individualismo. Leitura e interpretação horizontal da missão. Condicionamento pelos resultados. **3. GENEROSIDADE E AUTODOAÇÃO.** Dimensão e expressão não objetiva. Resposta a um chamado. Livre e libertadora. *Desafios à generosidade e autodoação:* Buscar frutos mais do que lançar “sementes”. Procurar afirmar-se como pessoas de sucesso Eficiência mais do que eficácia. Buscar resultados mais do que criar processo. **Conclusão.**

O primeiro ato que Maria realizou depois de ter acolhido a mensagem do Anjo, foi a de ir “depressa” à casa da sua prima Isabel para lhe prestar o seu serviço (cf. Lc 1, 39).

A iniciativa da Virgem foi um gesto de caridade autêntica, humilde e corajosa, movida pela fé na Palavra de Deus e pelo estímulo interior do Espírito Santo. Quem ama esquece-se de si mesmo e coloca-se ao serviço do próximo.

Eis a imagem e o modelo da Igreja! Todas as Comunidades eclesiais, como a Mãe de Cristo, estão chamadas a acolher com plena disponibilidade o mistério de Deus que vem habitar nelas e as estimula pelos caminhos do amor.

Papa Bento XVI
25 de março de 2006

Queridos irmãos,

cumprimento-os cordialmente enquanto ofereço esta reflexão que introduz o ***Projeto do Sexênio 2025-2031*** do Conselho Geral.

Gostaria de apresentar este ***Projeto*** a partir de uma frase do Evangelho que serve como ponte entre duas experiências significativas e quase espontaneamente relacionadas entre si: o anúncio do Anjo a Maria e a visita a Isabel para lhe oferecer o seu serviço: **“Maria levantou-se e partiu depressa”** (Lc 1, 39).

Meu desejo de comentar esta frase nasce do que estou a viver e sentir nestes primeiros meses do meu ministério como Reitor-Mor. Vejo surgir com sempre maior clareza um paralelo entre a experiência do Espírito que vivemos durante o CG29 e estes primeiros meses do sexênio. Parece-me vislumbrar nesta experiência dinâmica de Maria um ícone vivo e muito pertinente para nós, um ícone que se torna luz e fonte de encorajamento.

Vivemos semanas cujo protagonista principal foi o Espírito Santo de Deus. Muitos participantes expressaram a convicção (ou pelo menos a percepção) de que a Sua presença deu uma tonalidade diferente aos trabalhos do CG29. Essa presença não foi apenas invocada na oração, mas foi buscada, sentida e reconhecida através dos vários momentos que vivemos, dos diálogos compartilhados e das decisões que tomamos juntos.

Gostaria de comentar agora três atitudes que podem ajudar-nos a viver bem e com inteligência pastoral as opções que propusemos e os caminhos que queremos percorrer. Espero que elas se tornem estilos de vida para que a nossa vida comunitária, junto com as nossas propostas pastorais, possa ser um reflexo da mesma iniciativa de Deus em nós, por nós e através de nós. Desejo que a nossa resposta seja o fruto maduro da escuta contínua da vontade de Deus que alimenta o nosso ser servos dos jovens. Nessa dinâmica, a nossa consagração encontra a sua verdadeira identidade.

Confio-lhes as minhas reflexões, as minhas absolutas convicções interiores exatamente como vêm do meu coração. Não esperem um tratado teológico ou pedagógico, não é a minha intenção. É como um boa-noite um pouco mais longo, uma partilha em família. Ajudem-nos e ajudem-me a torná-las reais, a vivê-las juntos no mesmo espírito.

ESCUA – DISPONIBILIDADE – GENEROSIDADE: são as três atitudes sobre as quais os convido a refletir e que os encorajo a privilegiar. Três atitudes a serem enraizadas e cultivadas num coração livre para que depois amadureçam dentro da experiência educativo-pastoral salesiana. Só assim a contribuição de cada Salesiano de Dom Bosco torna-se realmente um dom precioso compartilhado no interior das nossas Comunidades Educativo-Pastorais (CEP) em favor dos jovens, especialmente os mais pobres.

1. ESCUTA

Numa cultura que agora parece estar focada e concentrada apenas numa visão veloz e fugaz, no fazer os olhos correrem de cá para lá, queremos que o apelo trazido pela Boa Nova nos ajude a recuperar a dimensão da escuta. Os antigos diziam que a fé vem da escuta. Isso continua absolutamente verdadeiro e válido para nós, ainda hoje. O testemunho que o Evangelho comunica não pode ser substituído por um vídeo, um cartaz, uma apresentação. Se a visão for como estar diante de uma janela ou de uma tela enquanto tudo acontece à nossa frente, pode parecer que basta vermos o que temos diante de nós, deixar-nos impressionar superficialmente. E nos iludimos ao pensar que podemos realmente “conhecer” as coisas só porque as vimos uma vez, e talvez nem sequer as observamos em profundidade. Ver sozinho não basta, oferece-nos apenas fatos, dados; é preciso uma escuta atenta, calma e profunda. Sem a escuta não podemos “entender”, interpretar, captar o sentido dos fatos e a sua voz de apelo.

Maria, que se levanta e vai depressa para servir, fez antes a experiência da escuta. É dessa experiência da escuta que Maria conserva uma verdade profunda e divinamente salvadora. Ao escutar a Palavra, Maria acolhe a Palavra.

A atitude de escuta pede que Maria assuma o caminho do discípulo, tornando-se assim participante do plano de Deus. O seu escutar é sinônimo de obedecer – *ob-audire*. Maria deixa-se atrair pela Palavra, aceita ser envolvida, entrar no mistério que lhe é revelado. Em Maria, a verdade que lhe é confiada e a liberdade que já a marcava se encontram. Verdade e liberdade, e nasce a fé. Fé como relação verdadeira. Fé marcada pela Palavra, como relação consigo mesma, com Deus e com os outros.

Ao anúncio do anjo, Maria não pede “provas”, não exige que lhe seja mostrada a “razoabilidade” ou o sentido para que possa primeiramente ver, compreender e possuir. Ela segue a voz e põe-se em movimento. Ela escuta e obedece, e assim acontece a verdade que é Cristo nela: a encarnação de Cristo. Acontece o milagre que faz a mãe mover-se até a prima porque a escuta torna a mãe semelhante à forma do ilho. A escuta torna-se missão, dedicação aos irmãos e irmãs. Desde o início a escuta leva-a a entregar-se pelo bem deles, a morrer por eles, a dar a vida pela vida dos outros.

Contemplando este primeiro ponto, queridos irmãos, façamos o esforço de voltar a essa escuta que é fonte de vida. Ouvir como atitude que vivemos e renovamos a cada dia para que o encontro com a Palavra tenha a força de fazer brotar um verdadeiro caminho. Reconhecemos que esse caminho nutrido pela Palavra é difícil porque nos convida a colocar-nos em movimento, a sermos discípulos, a desapegar-nos do que nos torna menos livres. Um movimento que não exige ver de imediato o resultado, que não busca a falsa certeza do que deve acontecer. Um caminho que não nos deixa espectadores passivos.

Escutar Deus

Então, antes de tudo, comecemos a escutar Deus. A sua palavra é palavra criadora. Não é apenas um conjunto de sons, não há confusão e muito menos falsidade na palavra de Deus, ela é o puro poder daquele que cria um mundo novo e envolve chamando ao diálogo para que aquele que realmente escuta participe da alegria do seu Senhor.

É o difícil caminho do discernimento, da abertura de espaço para uma voz que sopra sutil como um vento muito leve e que muitas vezes é abafada pelas muitas vozes e pelos muitos enganos do nosso caminho. Para nós Salesianos trata-se de uma tentação constante. Seremos tomados por muitas preocupações, justas e generosas, mas que correm o risco de nos afastar da voz do Mestre.

Não se pode ouvir a voz do mensageiro de Deus se não nos treinamos para o silêncio e a meditação. Não temos grandes notícias sobre Maria antes do chamado de Gabriel, mas a tradição sempre nos falou de uma menina que desde pequena foi educada para escutar Deus. Apresentada ao templo desde criança, conservou a capacidade de deixar no seu dia a dia um espaço para o silêncio, que não é um simples

vazio de sons, mas o recipiente da fala de Deus. Assim, o anjo pode aproximar-se e ser ouvido no espaço criado pela oração.

Nosso pai Dom Bosco também lutava todos os dias para obter silêncio, mesmo em meio às mil tribulações e trabalhos que o ocupavam. Antes e depois da santa missa, na meditação, ele nunca deixava de buscar o silêncio porque só assim podia ouvir a voz de Deus e de Maria que o incentivavam a levar adiante a missão.

Eis então a importância da meditação diária para o Salesiano. Não é tanto uma prática a ser colocada ao lado das demais, ou seja, um dos vários modos de rezar que podemos ter e que podemos substituir por outros mais adequados, mais bonitos ou mais práticos. A meditação é a alma da oração pessoal e comunitária porque vai ao cerne da própria oração; ela treina para a escuta. Deus fala sempre e continuamente, o Verbo não deixa os seus discípulos no silêncio, mas busca sempre um espaço que só a escuta pode proporcionar.

Escutar o próximo

Assim sendo, o outro lugar da escuta é o próximo, consciente de que todo irmão e irmã são a imagem de Cristo, seus membros prediletos, presença do Filho de Deus na terra.

E Maria vai depressa, porque a palavra do Anjo a impele a continuar, a ir escutar a palavra de quem mais precisa dela, porque só assim continuará a escutar Deus. A anunciação, então, não será um evento isolado, vivido de forma intimista, mas um caminho que continua e que preenche uma vida inteira, a própria e a das pessoas encontradas e servidas.

Maria o fará com Isabel, mas também em Caná e depois com os discípulos no cenáculo. Maria estará sempre com os últimos; também as aparições destes dois milênios o comprovam, Maria está com os pequenos, com quem precisa, porque assim está com o seu Filho e assim continua a escutar e a transmitir a sua voz.

Dessa escuta nasce o verdadeiro e autêntico discernimento que se torna prática espiritual vivida na fé, porque o Cristo que nasce no coração continua a falar-nos através dos pobres, através dos jovens mais necessitados e abandonados. Esta é a realidade que fala de Deus e que hoje nos indica a missão. É necessário, então, uma comunidade de crentes que viva a escuta, uma comunidade que caminhe unida ouvin-

do e respondendo ao clamor dos pobres – uma *Igreja sinodal*. Nessa experiência, a escuta não se torna uma simples análise sociológica, mas missão apostólica e chamado divino.

É muito urgente que todos estejamos conscientes de que só existindo a escuta de Deus, verdadeira e sincera, pode seguir-se a escuta dos irmãos e irmãs, pode seguir-se uma resposta educativo-pastoral cheia de compaixão, esperança e futuro.

DESAFIOS À ESCUTA

Primado da Palavra sobre as palavras

A Escritura inteira é atravessada pela ordem de escutar porque é graças à escuta que entramos na vida de Deus e sobretudo permitimos a Deus entrar na nossa vida, coisa que é para nós o único modo de realmente viver. A escuta é, pois, a forma mais adequada ao nosso relacionamento com Deus, e se traduz na oração, que é a sua forma natural de expressão, e na qual somente se realiza o nosso eu autêntico, a verdade de nós mesmos e da nossa vocação mais profunda.

Só escutaremos o clamor dos jovens e ouviremos o projeto que Deus tem para nós se entrarmos na verdadeira dinâmica da escuta, que não é primeiramente pesquisa e estudo, mas disponibilidade e abertura. Escutar significa, portanto, discernimento, vigilância, prontidão, ação.

Escutar é sempre o início de um caminho que, como para Maria, amadurece na abertura total do coração, e justamente por isso não esconde a perturbação e as perguntas que nela são suscitadas. No entanto, essa perturbação não impede a sua disponibilidade para Deus que a escolheu, acolhendo livremente o seu projeto. O Papa Francisco apresenta o verdadeiro sentido desse chamado quando diz que “precisamos implorar-lhe todos os dias, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e faça vibrar a nossa vida tibia e superficial. [...] É urgente recuperar o espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, a cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros” (*Evangelii gaudium*, 264).

É preciso aprender a interiorizar, a perder algum tempo para ouvir e não tentar agir de imediato. A ação às vezes é superestimada. O

primeiro passo para agir é o silêncio e a escuta. Só assim a semente dá frutos. Caso contrário, toda ação deixa apenas frustração e vazio interior. É preciso dar tempo à escuta, é preciso perseverar nela, lutando contra as tentações da pressa, do tudo agora, onde a Palavra acaba sendo sufocada.

Frequência assídua, sistemática, “sistêmica”

Jamais faltarão dificuldades materiais e ambientais: rumor, falta de silêncio, lugar não adequado à contemplação. Além disso, há o perigo de entrar num círculo vicioso que favorece gradualmente a supervalorização do fazer que faz surgir a sensação de que o tempo do silêncio e da escuta é uma perda de tempo.

Nessa situação, falta aquela verdade que nos diz que a missão não é apenas praticar algumas ações, mas antes de tudo cuidar de uma identidade espiritual dinâmica que responda à vocação que recebemos. Na ausência dessa convicção, predominam diversas preocupações, distrações e, enfim, o cansaço e o desencanto. É preciso conhecer bem as raízes e as razões do cansaço que muitos de nós experimentam após algum período de ativismo frenético. É necessário revisitar com sinceridade as opções que subestimaram ou até descartaram o espaço do silêncio e da oração.

2. DISPONIBILIDADE E ABERTURA DO CORAÇÃO

A escuta, então, move o coração. Como as ondas sonoras, ela se expande e abre horizontes inéditos. Pede para ter um espaço de ressonância que, antes de ser logo ação, seja esvaziamento do coração e disponibilidade à obediência, exatamente como um lenço nas mãos de Deus, uma imagem recorrente na vida espiritual.

Em primeiro lugar, portanto, disponibilidade é deixar a Deus a iniciativa de ter um espaço para possuir dentro do nosso coração. A disponibilidade é esvaziamento, é passividade, é um caminho de *kenosis* da pessoa, que deve imitar o seu Senhor justamente ao deixar toda a iniciativa ao Pai.

A caridade é, portanto, assemelhar-se a Jesus, não porque se trate de uma ação específica, mas porque é pura imitação da mesma disponibilidade de Cristo, que não considerou nada da própria pessoa como

um tesouro cioso. Cristo esvaziou todo o seu ser para poder agir como Ressuscitado.

Também Maria deve aprender a abandonar os próprios desejos e sonhos e ir até Isabel com total disponibilidade, ou seja, com o coração vazio de si mesma. Repleta de Cristo, Maria manifesta-se assim na caridade do *Magnificat*. Deve ajudar Isabel não por iniciativa própria, nem pelo dever de parentesco ou simples bondade, mas porque, esquecendo-se de si mesma, deixa que as suas ações sejam guiadas por Alguém além de si, por aquele Jesus que já tem dentro de si.

Diante do anúncio do anjo, Maria não negocia nem pede confirmações, tampouco questiona qual será a natureza da sua missão ou qual será o seu espaço. Maria não se preocupa com o seu “fazer”. Ela entrega a totalidade do seu coração e da sua pessoa sem impor condições. Submete-se num ato de fé e humildade, oferecendo a sua disponibilidade ao projeto de salvação. Maria abre o próprio “ventre” com total confiança, acolhendo o Verbo, sendo instrumento divino para os eventos futuros da história da salvação.

Com o seu consenso, Maria aceitou a dignidade e a honra da Divina Maternidade, mas também os sofrimentos e sacrifícios a ela relacionados. Aceitou, sem impor condições, que a sua identidade estivesse nas mãos do Filho. Como serva, coloca-se numa atitude de total disponibilidade para com o seu Senhor, colocando-o acima de qualquer reivindicação ou direito próprio.

Maria compreendeu a grandeza de Deus e o nosso “nada” humano. Pela sua humildade, ficou justamente surpresa ao ouvir os louvores do Anjo: “Ave, cheia de graça”, e com a mesma humildade acolherá o que a vida lhe apresentar, até os eventos dramáticos da cruz. Assim, a espada que trespassará a sua alma não é nada além do ápice da sua *kenosis*, do caminho de desapropriação de si mesma à imitação do seu Filho. Não é simplesmente o sofrimento de uma mãe que vê o Filho morrer, mas a participação da Virgem nesse sofrimento encontra a sua definição no ser totalmente Mãe do Cristo Crucificado e nada mais.

Primeiramente para o Outro, depois para o outro

Apenas esse caminho de total abertura a Deus leva ao verdadeiro amor ao próximo. Embora se diga frequentemente que amar o outro

é como amar Cristo, e apesar do Evangelho afirmá-lo de forma clara e categórica, essa passagem de identificação do pobre com Cristo não é nada fácil.

Os grandes santos da caridade, na verdade, estão conscientes de que a caridade não é um simples amor pela humanidade, mas participação da mesma vida de Deus, ou ainda mais, a habitação de Deus em nossa vida. A vida de Santa Teresa de Calcutá é um exemplo disso: a santa contemporânea mais famosa pela caridade aos pobres sustentava a sua forte dedicação aos outros graças à oração incessante, feita de longa adoração cotidiana e constante união com Deus.

O mesmo amor de Dom Bosco pelos jovens não tem outra causa senão ser “consagrado” aos seus jovens. O sonho dos 9 anos é um caminho de recentralização da caridade de Joãozinho, não só da violência à mansidão, mas sobretudo da caridade aos companheiros na forma de protagonismo pessoal como disponibilidade à caridade de Cristo, aprendida justamente com a Mestre que Ele lhe dá.

Contemplar, não só analisar

A consagração fundamenta o apostolado, porque é a nossa identidade de consagrados que permite à caridade de Cristo alcançar-nos e fazer de nós “na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres” (Cost. 2).

Assim, os nossos projetos não são tanto fruto de estratégia, de observação da realidade, de impulsos generosos pelo bem dos outros, mas sobretudo fruto da contemplação, ou seja, da adoção do mesmo ponto de vista de Deus sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo.

A contemplação vem de uma verdadeira oração pessoal e comunitária, de um discernimento maduro da vontade de Deus para compreender o que Ele nos chama a ser e fazer pelo bem dos outros.

Então, a ação pastoral pelo bem do outro, como o é a visita de Maria a Isabel, surge de uma oração íntima, um “*cor ad cor loquitur*” – o coração que fala ao coração (São Francisco de Sales). A ação é, pois, a continuação da relação que se funda e brota da fé e do amor. É respirar o Espírito Santo, é sair de si mesmo para acessar uma relação trinitária em que Deus mesmo fala ao nosso coração e inspira as nossas ações pelos outros.

Na sua raiz mais profunda, portanto, todo projeto pastoral, toda ação de caridade que queremos realizar seria uma ação superficial se não fosse fruto de uma vocação, de um chamado do Pai, que provoca no Filho o esvaziamento de si e dá espaço à ação do Espírito dentro de nós e através de nós. É fundamental favorecer esse verdadeiro movimento que impulsiona nossas propostas e processos, movimento que começa pelo nosso amor a Deus como resposta ao “amor que Deus derramou em nossos corações” (*Rm 5,5*).

Contemplação e conhecimento de Deus, meditação e projeto pastoral significam, portanto, buscar o rosto de Deus e buscá-lo no irmão, naquele que encontramos, naquele que nos chama em socorro, naquele que clama com seu ser carente. Contemplar é, então, assumir o olhar de Deus, ver como Deus vê, e ter assim os mesmos sentimentos de Jesus, o único que vê e conhece o Pai, e sempre cumpre a sua vontade. Poderá, talvez, o discípulo ser maior do que o Mestre, viver outras formas de fazer crescer o Reino?

Quão frequente e doloroso é ver o perigo de uma ação pastoral não enraizada numa vida de oração, de acolhimento em nós do Espírito de Jesus. Bem sabemos que quando isso acontece, ou seja, quando falta a escuta de Deus, acaba-se num labirinto de ativismo incessante.

Superar as fronteiras

Essa abertura ultrapassa fronteiras geográficas, culturais, psicológicas, religiosas. A verdadeira disponibilidade é sempre um “êxodo”, um sair de si mesmo, dos próprios esquemas, da própria linguagem espiritual. Não teme o diferente, pelo contrário, busca-o, acolhe-o, porque reconhece no outro um irmão, uma irmã.

Maria precisa sair de casa para “tornar verdadeiro” o anúncio em que acreditou e ao qual se entregou. Pode-se quase dizer que não só o anúncio recebido provoca nela a necessidade de ir até Isabel, mas, de certa forma, se ela não tivesse ido até a prima, o anúncio não teria sido completamente verdadeiro, pois a graça recebida não teria sido totalmente frutuosa.

A caridade faz-nos ir além de nós mesmos e, portanto, derruba barreiras e distâncias. A caridade que nos move não se “adéqua” à nossa cultura, mas purifica-a criando uma nova. Se é verdade que nenhum

carisma, nenhuma força da fé pode existir se não estiver encarnada em uma cultura, também é verdade que nenhuma cultura pode limitar o poder do chamado de Deus e da sua caridade. Na verdade, é a própria fé que purifica a nossa visão de mundo, as nossas categorias, as nossas visões, criando novas.

É por isso que uma Congregação como a nossa encontra a sua unidade no carisma e vê na diversidade dentro e fora de si a oportunidade para uma unidade maior, porque é a diversidade e unidade de Deus que a faz assim.

Cada um dos nossos olhares sobre o mundo é limitado e limitador. Cada um de nós tem um limite além do qual não deseja ir ou atrás do qual só vislumbra negatividade, hostilidade, perigos, incertezas, inutilidade, ameaças. Só o apelo de Deus à total disponibilidade, só a contemplação do mundo com os olhos do Espírito torna também o desconhecido “casa nossa”.

Todo “além” em que às vezes parece não podermos ir não é nada mais do que uma casa onde ainda não estivemos, e cada desconhecido que aparece no horizonte não é senão um irmão a quem ainda não fomos. Não existe lugar ou pessoa no universo onde Deus não esteja presente, que não seja sustentado por Deus e que não nos chame a compartilhar a mesma caridade de Deus como única família e única Igreja.

Isso vale tanto no espaço, quanto nas relações fraternas, quanto no tempo: não há futuro que não esteja nas mãos de Deus e todo apego ao passado é uma traição à disponibilidade que prometemos a Deus.

Por isso, não posso ficar parado, devo ir até a temeridade (uma palavra que nós, Salesianos, conhecemos bem porque foi o estilo do nosso Fundador, e também de vários irmãos que foram pioneiros e profetas), e realizar o que Deus está a me pedir. O coração não pode parar ao compreender que Deus o chama e que Maria tem pronta aquela graça que talvez nos abra novos horizontes, como aconteceu no início da Patagônia. São horizontes que não podemos ignorar.

As fronteiras são derrubadas e podemos partir para o outro lado do mundo porque o impulso que vem de dentro não tem limites e não aceita meios termos. Não basta ir apenas até onde as forças,

medidas com a nossa régua, prometem-nos chegar, mas planejando o que é incompreensível para a régua do homem, ir até onde exige o impulso de Deus.

É por isso que um filho de camponeses do século XIX como Dom Bosco tem em sua escrivania um globo terrestre e nele mede a amplitude dos seus projetos: ele deve ir até onde chega a mesma caridade de Deus, deve ir para “morrer”, para dar a vida por todos aqueles a quem Cristo foi o primeiro a dá-la.

Como resposta desde o profundo

Por isso, Maria não pode ficar em casa. Possui como uma força interior que leva à ação, que nasce justamente da contemplação e da disponibilidade; e Maria não tem dúvidas, não põe obstáculos: é do fundo de si mesma, do lugar onde a sua consciência encontra o chamado de Deus, que ela sente que tudo leva ao caminho.

Como foi para Dom Bosco (que não pôde ficar em casa depois de ter adquirido uma com tanto esforço), também para nós e dentro de nós a graça recebida põe-se em movimento exatamente na forma de um dom divino, certamente gratuito, mas nem por isso menos vinculante.

A graça de Deus, o chamado vocacional, o pedido de plena disponibilidade é feito por Deus para ligar-nos a Ele. Não um vínculo que impede a liberdade de ser, mas aquele que é garantia do bom funcionamento da liberdade. Ele pede-nos a disponibilidade de viver um para o outro, sendo feitos para o dom, ou seja, para uma gratuidade que nos liga a Ele libertando-nos e abrindo espaço para a fé que só pode preencher o coração esvaziado de quem obedece a Deus.

DESAFIOS À DISPONIBILIDADE E ABERTURA

Uma visão reduzida da realidade

Em uma circular de 1885, Dom Bosco escreveu que o Salesiano deve obedecer não porque lhe foi ordenado, mas por uma razão superior, a maior glória de Deus. É esse o espírito que está na base da nossa obediência, disponibilidade, abertura de coração. Não é uma questão burocrática, feita de regras e prescrições, e não se resolve na sua apli-

cação exata. E por isso é ainda mais exigente. Pede uma verdadeira adesão do coração ao coração do superior e, através dele e da Congregação, ao próprio coração de Deus.

Assim, o clima de família, longe de ser um simples afeto exterior, é uma ligação vinculante do coração e da vontade, na total disponibilidade de si mesmo, ou seja, na renúncia a ser dono do próprio eu para deixar-se dispor em verdade e liberdade por aquele que tomou posse da nossa vida, porque acreditamos n'Ele.

A disponibilidade, no entanto, é desafiada hoje em vários fronts. O "Eu" não disponível insiste em impor a própria visão de mundo, de si mesmo e da vida, e o faz a partir de um ponto de observação restrito, acreditando que aquele é o lugar de onde se vê ou se revela a verdade completa. Mas a verdade completa, recorda-nos o Evangelho, não pode ser vista se não estivermos cheios do Espírito Santo, e não se pode estar cheio do Espírito se não estivermos vazios de nós mesmos.

E assim, o indisponível tem uma visão limitada da realidade, pensa que ele mesmo conhece a verdade das coisas e planeja a própria vida e a sua ação pastoral limitando-as à sua perspectiva parcial. Não chega a intuir que há muito mais além do próprio horizonte, que reduz tudo ao já visto, medido, programável: nos limites da sua experiência pessoal.

Quando se deixa de acreditar que existe um "além", e não se deixa conduzir para fora de si mesmo pela caridade que nos move, perde-se a tensão da espera do Filho, e a nossa ação missionária torna-se apenas um objeto a administrar.

Não se vai à Patagônia se não deixamos que Deus nos abra ou escancare os olhos. Mas o fato de não ir e não querer ver desvirtua o que somos e impede que o ramo dê frutos porque está separado da videira que o alimenta e lhe dá a força para crescer mais do que ele mesmo possa imaginar. E apenas com as próprias forças este é um projeto absolutamente fora de alcance.

O projeto do sexênio, assim como os PEPS de nossas casas e inspetorias, não é, portanto, um papel burocrático descritivo do que poderíamos fazer segundo nossas ideias, mas um instrumento de partilha e discernimento comunitário para ver além e obedecer à vontade de Deus.

Autorreferencialidade e individualismo

Vivemos perante desafios que, se não enfrentados, correm o risco de consolidar uma visão distorcida da realidade. Iludimo-nos muitas vezes ao pensar que, em nossa vida espiritual e na missão que nos é confiada, devemos olhar primeiro para nós mesmos e só depois para os outros, como se fossem apenas clientes a quem damos o que é nosso. Se estamos acostumados a medir-nos apenas pelo que fazemos, pensamos ou conquistamos, acabamos por fixar ou dirigir o olhar sobre nós mesmos, iludindo-nos de que nos conhecemos melhor e nos vemos mais. Na verdade, somos chamados a elevar os olhos e ir ao encontro do outro.

Maria não se detém para refletir, não se dá tempo para entender o que aconteceu, o que ela se tornou, quais são as consequências. Maria põe-se rapidamente em movimento para recentrar toda a sua vida na necessidade de Isabel.

Se defendermos a nossa imagem e priorizarmos as nossas convicções com a tenacidade de um lutador, acabamos lutando por nada, sem colher nenhum fruto. Fundamentamos as nossas certezas na convicção de fazer o que “queremos”, enquanto é muito mais seguro para nós mesmos tentar fazer o que o Outro deseja.

A “missão” não é um bem privado que compartilhamos entre nós; a missão é por definição comunitária porque é trinitária, ou seja, pertence a Deus, não às nossas ideias e projetos. Não estamos juntos porque é mais fácil ou mais conveniente, mas estamos juntos porque só posso ser eu mesmo doando-me ao outro de forma radical, esvaziando-me pela comunidade, sendo comunhão e, portanto, fazendo comunhão com todos.

A verdadeira disponibilidade é consagração, expropriação de si mesmo que tem na raiz a coragem de se questionar, de renunciar a si mesmo, mesmo quando isso parece uma perda. É a dinâmica da *kenosis* que dá frutos, de ir depressa à montanha, mesmo que talvez eu, antes de tudo, precise da ajuda de alguém para entender quem sou e o que acontecerá comigo.

Leitura e interpretação horizontal da missão

Não podemos dar-nos ao luxo de reduzir a nossa missão apenas à tarefa educativa e promocional de uma ONG ou de uma organização

sem fins lucrativos. A missão que nos é oferecida como vocação é a continuação da missão do Salvador enviado pelo Pai e tem como horizonte o Paraíso, como Dom Bosco lembrava frequentemente aos seus jovens e representou de maneira icônica na pintura da Auxiliadora da Basílica de Valdocco.

Nossa tarefa educativa não pode limitar-se a um serviço social ou a um projeto meramente humano, por mais meritórios, valiosos e essenciais que sejam. Somos educadores e evangelizadores, sempre; se nem sempre na ação, nós o somos na intenção, naquilo que nos anima e sustenta. A fonte única e indispensável de toda a nossa obra de educação e evangelização brota do encontro pessoal com Cristo. Por isso, desde o primeiro momento, todo processo educativo deve ser inspirado no Evangelho e a evangelização deve se adequar à condição evolutiva do jovem. Com a fórmula que nos distingue e que não é um jogo de palavras, educamos evangelizando e evangelizamos educando: compreendê-lo e vivê-lo é garantia de que trabalhamos na Igreja.

Estamos cientes de que somos chamados a educar e evangelizar mentalidades, linguagens, costumes e instituições, e isso só é possível se formos iluminados pelo Evangelho, chamados pela graça, impelidos pelo Espírito. Só com uma identidade evangélica e carismaticamente clara podemos encontrar os jovens, todos os jovens, “no ponto em que se acha a sua liberdade” (Const. 38).

Maria não vai até Isabel só porque, humanamente, acredita que a prima idosa precisa da sua ajuda, dado o estado particular em que se encontra, mas tudo nela é real e ganha forma dentro de uma visão de caridade, ou seja, de dedicação ao outro que tem Cristo como exemplo, o Espírito como visão e o Pai como destino final. A visitação não é um gesto de bondade, mas uma decisão que antecipa o modo de ser do Filho que, no ventre, já está agindo para conformar a Mãe a si mesmo.

Igualmente no sonho dos 9 anos: é de Jesus que vem a missão e de Maria, a forma. A ciência e a obediência que Joãozinho deve pôr em prática não se relacionam às necessidades da humanidade, mas a uma resposta obediente à própria vontade de Deus, ou seja, à sua missão salvadora junto à humanidade.

Condicionamento pelos resultados

Há, enfim, uma tentação muito sutil, mas sempre presente: a de uma disponibilidade condicionada pelos resultados. Abrimo-nos enquanto há respostas, frutos, reconhecimentos. Mas a disponibilidade do coração não pode ser pelo desempenho. Se a raiz da disponibilidade é uma *kenosis* do discípulo, é sempre necessário lembrar que a medida da missão e do seu sucesso é a da cruz e não a do triunfo mundano.

A disponibilidade é uma graça que deve ser conservada, exercitada, invocada. É uma forma de amor que compreendeu ser necessário morrer para salvar a própria vida e a dos outros. O evangelho não pode ser considerado como algo super-rogativo, como uma maquiagem espiritual ou um belo ornamento, do qual, no fundo, até se poderia prescindir. Por outro lado, o sucesso só pode ser interpretado à luz do mistério pascal. O pão deve ser sempre partido antes de se tornar alimento para o caminho do mundo.

Da mesma forma a nossa missão não pode basear-se apenas em estatísticas, números, quantidades de qualquer tipo. O Salesiano é chamado a dar a vida, e isso não é uma expressão vazia. A disponibilidade esvazia-se até de si mesmo, e a morte só pode ser vencida participando da mesma morte de Cristo. Mais uma vez, uma espada deve ferir o coração da Virgem Mãe, porque a sua identidade e a sua missão não podem ser diferentes daquelas do Filho que ela carrega no ventre.

A proximidade de Dom Bosco com Deus e o intenso amor ao próximo que daí deriva não se explicam sem um profundo componente ascético de sacrifício, desapego, esquecimento de si e paciência.

Muito além dos triunfalismos fáceis que frequentemente deformam a sua figura, o santo mostra a sua verdadeira face de autêntico discípulo do Crucificado prostrado sob o peso de cruzes inauditas que dilaceram o coração. A vida de Dom Bosco, diz o Pe. Ceria, “foi toda semeada de espinhos pungentes”: incompreensões, conflitos, perseguições, até atentados, dificuldades econômicas; e, depois, problemas físicos tão graves que fizeram o seu médico afirmar que “após cerca de 1880, o seu organismo estava quase reduzido a um laboratório ambulante de patologias”.

No entanto, “ele nunca perdia a serenidade; na verdade, parecia que justamente nos tempos de tribulação adquiria mais coragem, pois

era visto mais alegre e brincalhão do que o habitual”. Nem pedia para ser libertado dos seus males. O motivo de uma conduta tão desconcertante, explica o Pe. Céria, é relativamente simples: “Os sofrimentos físicos aceitos com tão perfeita conformidade à vontade de Deus são atos de grande amor divino e penitências voluntárias”, e “as almas que se sentem fortemente atraídas para Deus se entregam à mortificação quase por um instinto irresistível de amor” (Céria, E., *Dom Bosco com Deus*, Cap I, VIII e XX).

Isso é confirmado pelos frutos de tanto sofrimento, confirmado pelos santos e mártires da nossa Família e confirmado pelos muitos irmãos que viveram uma verdadeira existência vital pelo bem da juventude.

3. GENEROSIDADE E AUTODOAÇÃO

A generosidade não é apenas um ato ocasional ou uma resposta impulsiva a uma situação de necessidade, decorrente da espontaneidade de uma alma boa. É, antes, uma disposição interior profunda, enraizada na identidade da pessoa. Não nasce de um cálculo, nem de um dever moral externo, mas brota de uma compreensão do próprio lugar no mundo: ser para o outro um dom e uma presença significativa.

Isso quer dizer que a generosidade, como dom de *si toto corde* para o outro, tem em sua raiz assumir a mesma forma de Cristo, a mesma forma de Deus. A disponibilidade, que tornou o nosso coração capaz de conter a forma de Cristo, torna-se agora ação e responsabilidade.

A graça recebida da experiência da *kenosis* torna-se capacidade pessoal de doação de si, resposta cotidiana e forma de vida. É o que acontece em Pentecostes: a comunidade dos discípulos, abandonando a própria humanidade pecadora e ligada à Lei, é renovada pelo dom do Espírito do Ressuscitado. Essa comunidade – que permanece a mesma nas pessoas que a compõem – agora “é outra”, muda de vida e torna-se anunciadora de algo que a transcende: da Palavra de salvação que é a raiz de toda generosidade e de todo dom.

Ser generoso, a força para realizar todos os dias o próprio serviço, não se limita a um ato de vontade ou bondade, mas provém diretamente da união com Deus permitida pela consagração. O

amor de Dom Bosco pelos jovens não vem apenas da sua espontânea delicadeza de espírito, mas decorre diretamente do fato de ser padre: o padre é sempre padre, e deve manifestá-lo em cada palavra. Ora, ser padre significa ter, por obrigação (ou melhor, por vocação), continuamente em vista o grande interesse das almas; o grande interesse de Deus.

Dimensão e expressão, não objetivo

Quem vive na lógica da autodoação não age para receber em troca reconhecimento ou gratidão, mas para responder a uma vocação que o chama à responsabilidade. A generosidade não é uma tarefa ou um resultado a ser alcançado; é uma dimensão fundamental da nossa identidade, a forma como essa identidade se expressa e se caracteriza.

Frequentemente silenciosa, cotidiana, oculta e, justamente por isso, ainda mais fecunda, a generosidade é o nosso nome próprio no sentido de que faz parte da definição da nossa identidade, como indivíduos e como comunidade. Como é a missão que define a nossa identidade e o nosso lugar na Igreja e no mundo, a generosidade não vem depois, não se acrescenta de fora à vida cotidiana, não é “algo a fazer”. A missão é nossa competência em ação, e ela é radicalmente generosidade, dedicação de si, doação da própria vida para a salvação do mundo, especialmente dos jovens.

O artigo 21 das nossas Constituições fala de maneira muito viva do “coração generoso” de Dom Bosco: “O Senhor nos deu Dom Bosco como pai e mestre. Nós o estudamos e imitamos, admirando nele esplêndida harmonia de natureza e graça.... (esse) projeto de vida fortemente unitário... realizou-o com firmeza e constância, por entre obstáculos e canseiras, com sensibilidade de um coração generoso”.

Resposta a um chamado

Nossa vocação é marcada por um dom especial de Deus, a predileção pelos jovens: “Basta que sejais jovens para que eu vos queira muito”. Esse amor, expressão da caridade pastoral, dá sentido a toda a nossa vida (Const. 14).

A vocação não se sobrepõe à nossa identidade num segundo momento, não intervém depois como algo que se adiciona à nossa vida. A nossa vocação é a nossa vida, é a nossa identidade. Somos radicalmente chamados a ser nós mesmos em total obediência e disponibilidade. Vivendo a nossa generosidade já no início da resposta, respondemos em plena liberdade e com total protagonismo.

Quem é chamado por Jesus tem a possibilidade de se tornar fecundo mediante o seu serviço no Reino tão somente se todas as coisas contingentes que faz e oferece surgirem de uma disponibilidade ilimitada. Maria, em sua total e imediata disponibilidade ao Anjo e aos irmãos (a prima Isabel), ensina-nos que o único ato pelo qual uma pessoa pode corresponder a Deus é o da disponibilidade ilimitada. Esse gesto é a unidade de fé, esperança e amor. É o sim que Deus exige do crente porque é o sim que Deus pronunciou em nosso favor. Somente nesse sentido de absoluta generosidade, Deus planta a semente da sua Palavra e do seu serviço missionário.

Por isso, as exigências de Jesus ao acolher os discípulos que Ele chamou referem-se à própria identidade dos apóstolos, chegando a mudar seus nomes (de Simão para Pedro), porque o discípulo se deixa modificar pelo mestre para identificar-se com ele. Essa é a garantia de que o próprio nome, a nova identidade de autodoação, seja escrito no Reino dos céus.

É preciso enfatizá-lo de maneira forte porque, hoje, os “sins” limitados e condicionados por cláusulas pessoais paralisam muitas vezes as vocações. O que Deus pode usar, segundo as intenções do seu Reino, é apenas um dom total que não impõe nenhuma condição.

Livre e libertadora

A generosidade profunda nunca é imposta, e ainda assim é sempre vinculante em seu chamado original. Graças ao caráter unificador e totalizante do projeto de Deus para cada um de nós, a nossa resposta é semelhante à experiência que bem conhecemos, ser ou tornar-se “uma bela veste para o Senhor”.

A generosidade na resposta ao chamado e a obediência que lhe é devida são, como consequência, um sinal claro do desejo de ser si mesmo.

Ser a serva do Senhor, para Maria, longe de ser uma limitação dos seus desejos e objetivos de vida, é na verdade a porta aberta para o cumprimento pleno da sua liberdade e da sua identidade: precisamente, “do Senhor”.

Maria é a mulher plenamente realizada, em completa liberdade e autodeterminação. Esse movimento é nutrido e guiado pela ligação com Deus, com o seu Filho e com os irmãos e as irmãs que encontra ao seu lado (de Isabel aos noivos de Caná, aos próprios discípulos, a nós).

DESAFIOS À GENEROSIDADE

Buscar frutos, mais do que lançar “sementes”

O caminho da generosidade não está livre de obstáculos. Um dos mais traiçoeiros é a busca de frutos imediatos, viver com a expectativa de ver imediatamente os resultados das próprias ações e processos. Isso leva ao desânimo, à decepção ou mesmo a formas sutis de orgulho ferido. A verdadeira generosidade, por outro lado, é medida pela capacidade de semear mesmo sem ver a colheita, de deixar que o tempo e a graça façam o resto do trabalho.

Num mundo que recompensa quem mostra resultados concretos, rápidos e visíveis, é difícil aceitar a ideia de que semear é por si só um gesto completo e suficiente. No entanto, é justamente aí que se manifesta a autenticidade e a beleza de quem se doa, na capacidade de “ceder” a vontade de controle, de confiar na força da semente lançada, mesmo escondida na terra por muito tempo, nos invernos silenciosos.

Procurar afirmar-se como pessoas de sucesso

Outro obstáculo à generosidade é a pressão constante para afirmar-se como pessoa de sucesso. Hoje, a mensagem dominante é clara: “Só conta aquilo que te faz sobressair, o que te diferencia, o que te faz parecer melhor do que os outros”: o sintoma do *like*! Nesse contexto, o ato gratuito de doar-se corre o risco de ser percebido como fraqueza, como perda de tempo ou como renúncia ao próprio potencial.

Contudo, de modo paradoxal, é justamente no ato de doar-se que a pessoa se realiza plenamente. Não se trata de negar-se ou apagar a

própria identidade, mas de colocá-la em relação, de construir-se não contra os outros, mas com os outros. Uma vida doada não é uma vida sacrificada, mas uma vida multiplicada.

Eficiência mais do que eficácia

Vivemos numa sociedade dominada pela lógica da eficiência: tudo deve ser mensurável, otimizado, produtivo. Às vezes, corre-se o risco até mesmo nas relações de avaliar o próprio empenho segundo os “resultados” alcançados, como se as pessoas fossem projetos a serem concluídos. Uma mentalidade que descarta quem não se adéqua às regras preestabelecidas, que não deixa espaço à gradualidade dos caminhos, que são diferentes de pessoa para pessoa. No entanto, a verdadeira eficácia humana não se mede com números ou gráficos, mas com a capacidade de transformar interiormente, de tocar a vida dos outros, de construir relações duradouras e autênticas.

Nesse desafio está a nossa capacidade de “estar” com os jovens, “gastar” tempo na escuta, acreditar no dom de uma compaixão que reconhece as perguntas e aceita humildemente que nem sempre temos as respostas. Uma presença capaz de entrever os sinais invisíveis de crescimento potencial, dando-lhes o tempo necessário.

Buscar resultados, mais do que criar processos

Acredito que somos ajudados aqui por uma reflexão do Papa Francisco feita no início do seu pontificado: “Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços... Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes”. (*Evangelii Gaudium*, 223).

Temos aqui a base do projeto que a CEP está desenvolvendo. Projeto que reconhece e promove um caminho através da diversidade das propostas pastorais. O objetivo não é um dado predefinido a ser alcançado a qualquer custo. É, antes, a atenção para favorecer aqueles processos de crescimento onde a comunidade é sempre protagonista, vivendo e verificando o próprio projeto.

“Aqueles que entram em campo na pastoral juvenil devem estar cientes do caminho a trilhar, da situação de onde partir e da meta a alcançar. Deve adquirir familiaridade com todo o processo educativo que se põe em prática concretamente. Planejar é atitude da mente e do coração, antes de ser obra concreta. Planejar é mais um processo do que um resultado, planejar é mais um aspecto da pastoral do que um ato passageiro, planejar é um itinerário de envolvimento e de unificação das forças” (*A Pastoral Juvenil Salesiana. Quadro Referencial*, p. 136, 2014³).

CONCLUSÃO

Concluo com uma reflexão do Cardeal Carlo Maria Martini, que resume o desafio que temos à frente.

Ao primado da Palavra corresponde, pois, a fé. Se a Palavra não encontra resposta na fé, ela ressoa no ar, não tem eficácia. Quando, porém, a Palavra é recebida no homem por meio de uma atitude de fé, ela exerce a sua eficácia. A eficácia que a Palavra, acolhida na fé do homem, exerce é a **caridade**. A semente é a **Palavra**; a fé é o ventre, a terra do homem que acolhe a semente; a **caridade** é o fruto que nasce da semente.

Dessa estrutura muito simples do processo salvífico, podemos tirar consequências muito importantes para a nossa vida pastoral. Queremos crescer na caridade? Ampliemos as raízes da fé, abrindo-nos à escuta da Palavra. Seria inútil exigir que na comunidade haja mais caridade se não houver crescimento da fé, e é inútil exigir mais fé se não houver uma escuta profunda da Palavra. O processo – Palavra, fé, caridade – constitui a realidade orgânica de toda a pastoral”¹.

Palavra, fé e caridade: um trinômio que, na lógica da *escuta, disponibilidade e generosidade*, nos impulsionam a viver hoje o nosso chamado a sermos pessoas geradoras de esperança pelo bem dos jovens. Com os muitos colaboradores e colaboradoras que vivem e compartilham conosco a missão salesiana, a centralidade da Palavra testemunha a recuperação do que é essencial: para nós, uma pessoa, Jesus Cristo, filho de Deus, nascido de Maria virgem.

¹ C.M. MARTINI, *La scuola della Parola*, Bompani – Milano, 2018, p. 470-471.

Maria é a mulher que viveu essa dinâmica profunda e radical em sua plenitude. Com humildade, Ela acolhe a Palavra e com fé levanta-se rapidamente para doar aos outros o que recebeu. O seu “partir depressa” comunica aquele gesto de caridade que reflete um coração livre e libertador. Este é o nosso chamado, que buscamos viver com a ajuda d’Aquele que “tudo fez”!

A handwritten signature in dark ink, reading "Fabio Attard S.M.B." in a cursive script.

Pe. Fabio Attard

Reitor-Mor